

Berlinale
65th Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Panorama

tiff. toronto
international
film festival®
SELECÇÃO OFICIAL 2014



QUEM ÉS TU QUANDO NINGUÉM TE OBSERVA?

DA NATUREZA

UM FILME DE OLE GIÆVER

MOT NATUREN

SINOPSE CURTA

DA NATUREZA é uma viagem pelo interior da cabeça de Martin e pela natureza selvagem que o rodeia. Martin está sozinho numa caminhada pelas montanhas e ouvimos todos os seus pensamentos não censurados, e todas as suas observações brutalmente honestas sobre si próprio e aqueles que o rodeiam. Os seus pensamentos e as suas fantasias vão do trivial e do infantil ao existencial e ao profundo. DA NATUREZA é um retrato honesto e divertido de um jovem que quer escapar à rotina.

SINOPSE LONGA

DA NATUREZA é uma viagem pelo interior da cabeça de Martin e pela natureza selvagem que o rodeia. Martin está sozinho numa caminhada pelas montanhas e ouvimos todos os seus pensamentos não censurados, e todas as suas observações brutalmente honestas sobre si próprio e aqueles que o rodeiam. Os seus pensamentos e as suas fantasias vão do trivial e do infantil ao existencial e ao profundo. DA NATUREZA é um retrato honesto e divertido de um jovem que quer escapar à rotina.

“Quis fazer um filme que alternasse entre estarmos dentro de um homem, com acesso aos seus pensamentos, sonhos e fantasias mais profundos, e observarmo-lo, sem ele saber que está a ser observado. A visão do filme é aproximarmo-nos do núcleo, da essência que é reconhecível e universal em todos.” - OLE GIÆVER



SOBRE O REALIZADOR

Ole Giæver, nascido em 1977, estudou cinema na Escola de Artes e Cinema de Nordland antes de frequentar a Academia de Belas Artes de Konstfack em Estocolmo, onde se formou em 2005. Entre 2002 e 2007 realizou com a colega Marte Vold 260 curtas-metragens para um projecto intitulado PLAY. Em 2007 escreveu e realizou a curta-metragem premiada TOMMY que foi igualmente nomeada para melhor curta-metragem nos Prémios Europeus de Cinema. Em 2008 realizou a média-metragem de 45 minutos SUMMERS PAST (Sommerhuset) que foi nomeada para o Prémio Nacional de Cinema Norueguês de Melhor Argumento. Estreou-se na longa-metragem em 2011 com THE MOUNTAIN.

ENTREVISTA COM OLE GIÆVER

Como surgiu a ideia deste filme?

O conceito básico veio-me à cabeça enquanto rodava o meu filme anterior, THE MOUNTAIN, um drama para duas personagens que tem inteiramente lugar nas montanhas. Durante a rodagem perguntei-me se seria possível fazer algo ainda mais simples: apenas uma única personagem e as montanhas. Pareceu-me imediatamente um projeto potencialmente interessante: uma voz *off* forte, original, que nos revelasse o conflito interior da personagem, sobreposto à luta exterior contra a resistência da paisagem. O homem em luta consigo próprio e com a natureza. Mas como a maioria das ideias conceptuais esta tinha limitações que criaram obstáculos à visão que ela me suscitou. Queria colocar primeiro a personagem num ambiente social, para podermos vivenciar a sua transição – de uma vida quotidiana que nos é familiar a todos, onde ele tem dificuldades em se enquadrar no emprego e com a família, para a sua “fuga para a liberdade” e para o contraste de ficar sozinho na natureza.



Qual era essa visão, e como é que ela mudou durante a rodagem?

Sinto-me intrigado pelo discurso do homem que encontra o seu lugar na cultura por oposição à natureza. Quem somos, como nos vemos enquanto seres sociais, e quem somos quando ninguém nos está a ver? O filósofo norueguês Arne Næss disse que se sentia mais ele próprio quando estava sozinho na natureza; a natureza não nos exige nada nem espera que nos comportemos de acordo com um conjunto de regras. Concordo com muito do que Næss acha, mas isso não quer dizer que devamos ir todos para a floresta. Precisamos de encontrar um equilíbrio entre a participação social e a necessidade de termos tempo só para nós. Martin, a personagem principal do filme, sente-se desligado dos colegas de trabalho e da família; é uma sensação de inadequação, de não ser capaz de encontrar um papel com o qual se sinta confortável. Por isso busca um lugar para ser si próprio, para estar sozinho, e através do seu monólogo interior também agarra melhor a sua vida.

O poeta norueguês Tor Jonsson escreveu em tempos: "Sinto-te mais perto de mim quando estás longe." De certo modo o Martin sente o mesmo; precisa de se afastar de tudo para se sentir próximo das pessoas à sua volta. Mas isso é tão problemático para ele que decide fazer algo de drástico antes de voltar para casa. É essa a jornada que acompanhamos no filme.

Porque decidiu interpretar você próprio o papel principal?

Tenho que admitir que pensei muito sobre isso, muito embora a ideia me tenha vindo à cabeça assim que comecei a escrever o guião. A sua vida interior e os seus espaços privados tornaram-se numa parte importante do processo de escrita. Ao princípio decidi que não podia ser eu. Afinal de contas eu era o realizador. Rodámos um teste com outro ator a interpretar Martin, mesmo antes de iniciarmos a preparação do próprio filme. O ator ia bem, mas senti que havia alguma coisa errada, e que nenhum outro ator iria ser capaz de acertar. Era uma coisa intuitiva; eu sabia como a voz interior do Martin tinha de ser representada fisicamente. Embora ele não seja uma personagem autobiográfica, conheço tão bem o seu mundo interior. Aquela revelação sutil e involuntária de nos termos perdido nos nossos pensamentos ou nos nossos sonhos acordados.



Primeiro tive de discutir a ideia com a minha mulher, que também é atriz, e pela minha produtora. Achei que elas iam dizer que não havia hipótese de ser eu a representar o Martin, mas elas mostraram-se ambas entusiasticamente positivas, e quanto mais eu pensava no assunto mais nervoso ficava – mas nervoso no bom sentido. Senti muita energia por me envolver fisicamente com o projeto, por ser eu a interpretar a personagem principal, e sabia que tinha de levar comigo essa energia para a rodagem; iria afetar positivamente os outros, tornando-os mais atentos, mais concentrados.

Como combinou representar com realizar?

Lembro-me muito bem do primeiro plano que rodámos para o novo teste, depois de decidir ser eu a interpretar o Martin. Estávamos a fazer um plano muito largo. A co-realizadora Marte Vold e o diretor de fotografia Øystein Mamen estavam de pé ao longe, a discutir uma coisa qualquer, e eu estava a olhar para eles da minha marcação junto a umas árvores. E de repente senti-me muito triste. Adoro estar em rodagem, dá-me uma quantidade enorme de energia. E nesse momento percebi que eu estava sozinho, e que me tinha colocado nas mãos dos outros. Claro que tínhamos preparado meticulosamente a cena e concordado no que queríamos de cada cena e de cada plano, mas até um certo ponto eu tinha de largar a parte em que me sento em frente ao monitor, com as mãos fechadas em concentração, a torcer pelos meus atores, a querer conseguir o plano perfeito, a dirigir um estilo de representação natural e credível, a deixar-me emocionar pela magia do momento. Isto não quer dizer que eu não participasse em discussões criativas no *plateau*, mas os atores têm de evitar estarem demasiado conscientes de si próprios. Vê-los de fora é o trabalho do realizador, e neste caso enquanto estávamos em rodagem eu tinha de bloquear o realizador dentro de mim.

Como descreve a sua colaboração com Marte Vold, a co-realizadora?

Trabalho com a Marte há 15 anos. Frequentámos a mesma escola e mudámo-nos ambos mais tarde para Tromsø, onde continuámos a fazer filmes juntos. O nosso embate com o negócio do cinema foi muito frustrante: vínhamos da escola habituados a tentar e falhar de modo lúdico, e de repente deixava de haver espaço para isso. Por isso criámos o nosso próprio espaço lúdico através de um projeto chamado PLAY, onde rodávamos 50 curtas-metragens numa semana. Mantivemos o projeto de pé durante cinco anos, variando o número de filmes: o nosso recorde foi de 75 filmes, e ao todo fizemos assim 260 filmes. Nem todos eram muito bons, claro, mas foi uma grande experiência de aprendizagem, sobretudo porque percebemos que as ideias que normalmente teríamos rejeitado acabavam por resultar nos melhores filmes. Há ideias que têm de ser postas em prática para conseguirmos realizar o seu potencial – por causa das coisas inesperadas que acontecem pelo caminho.

Depois de nos mudarmos os dois para Oslo uma vez acabados os estudos, a Marte pediu-me para entrar em algumas das suas curtas. Sem a confiança que ela mostrou ter em mim talvez eu não tivesse ousado assumir o papel principal do meu filme. Por isso era natural, na verdade necessário, que ela fosse minha co-realizadora. A Marte estudou fotografia, mas a sua integridade enquanto realizadora é fantástica. Ela é inteligente e analítica, mas também tem um grande sentido de humor e de emoção. A Marte também esteve muito envolvida no trabalho de pós-produção e sobretudo durante a gravação da voz *off*.

E a sua colaboração com o diretor de fotografia Øystein Mamen, que também trabalhou nos seus dois filmes anteriores, THE MOUNTAIN e SUMMERS PAST?

Para além de trabalhar com a Marte, ter o Øystein por trás da câmara era um pré-requisito para o projeto se pôr de pé. Depois de trabalharmos juntos em dois filmes, confio nele

para compreender e partilhar a minha visão. A Marte, o Øystein e eu tornámo-nos num trio criativo durante a pré-produção e a rodagem. Por vezes isso foi um desafio, porque tínhamos todos opiniões criativas e o trabalho não estava bem dividido entre nós. Talvez devêssemos ter definido uma hierarquia mais rígida. Em situações onde eu não estava em condições de opinar, a Marte e o Øystein tornavam-se em iguais sem árbitro, e a culpa de eles não terem o espaço de que precisavam para se concentrarem era provavelmente minha. Mas fico muito contente por saber que as suas desavenças foram todas em prol do filme, nunca por causa de questões de área de atuação ou de prestígio.

O Øystein está no seu melhor quando o deixam trabalhar intuitivamente. Tem um *feeling* incrível por aquilo que se passa à frente da lente, sente a energia e a concentração dos atores. Também trabalha muito bem com a câmara estática, mas a magia acontece na maior parte das vezes quando ele mergulha na cena e pode apontar a câmara para onde ele sente que ela tem de estar naquele momento.

O compositor Ola Fløttum também trabalhou nos seus dois filmes anteriores. É importante para si ter uma equipa recorrente?

Trabalhar juntos numa série de projetos ao longo dos anos é sempre benéfico. Até certo ponto, permite-nos retomar as coisas onde as interrompemos e chegar mais depressa ao centro da questão. Também se ganha confiança em saber que a colaboração resulta, que partilhamos uma mesma visão. Claro que isso significa que a química tem de estar no ponto; não se volta a colaborar com pessoas que não nos levam a forçar os limites. Para mim, a música do Ola toca em algo comum ao universo dos meus filmes, existe uma espécie de sensibilidade rítmica e uma estrutura em comum. O Ola é o tipo de compositor que não impõe a sua própria musicalidade a um filme, mas procura sublinhar a musicalidade, a sensibilidade e as emoções do filme.



REVISTA DE IMPRENSA

DA NATUREZA - Crítica

The Hollywood Reporter – John de Fore

Um auto-retrato sem esforço do artista enquanto homem de meia idade assediado por dúvidas, o filme de Ole Giæver DA NATUREZA mergulha na consciência de um narrador cujo monólogo interno opressivo será reconhecível mesmo para os muitos espetadores que não partilhem as suas preocupações específicas. Explorando os seus pensamentos incessantes com uma caminhada solitária de fim-de-semana pelas colinas norueguesas, o filme captura a realidade de uma escapadinha que é suposta limpar a cabeça mas acaba por a encher com mais ideias. (...)

No papel principal do que é quase um one-man-show, Giæver interpreta Martin, cujo trabalho num escritório lhe permite ter tempo suficiente para olhar pela janela e imaginar as monótonas vidas pessoas dos estranhos. Pergunta-se quantos anos terá aquele homem redondo e de cabelos grisalhos: 66? Faltam-me 30 anos. Tempo que chegue para recomeçar do zero.

O tipo de homem que nunca sabe como responder decentemente a um aperto de mãos, Martin concorda relutantemente em ir beber uns copos com colegas num fim de tarde de sexta embora saiba que vai para as montanhas. Mais tarde vai ficar às voltas do telefone a perguntar-se como há de formular o seu SMS a dizer “afinal não vou” para não levantar a lebre sobre a sua mudança de planos.

Martin também não foi muito explícito a dizer à mulher que vai para fora, mas ela não parece ficar muito incomodada ao saber que vai ficar a tomar conta do filho sozinha um ou dois anos. A reação simpática dela dá a entender que este não é um filme sobre um pai de família stressado a reagir às pressões maiores que o rodeiam. Em vez disso, as fantasias que ele vai criando em voz off enquanto percorre a natureza – um divórcio, a morte da mulher, um acidente que o paralisaria – são apenas obra de um cérebro que ainda acredita que a vida pode ser mais interessante do que é neste momento. Sem outras vozes para o incomodar, Martin segue as tangentes sugeridas pelos acontecimentos que vai fantasiando: absolvido da responsabilidade de tomar conta de si próprio se ficasse paralisado, tornar-se-ia grotescamente obeso e poderia então viajar pelo mundo num circo e sustentar a família com o seu ordenado. Depois, pára para se masturbar por trás de uma árvore. (Giæver não tem problemas em mostrar a parte de baixo do seu corpo.)

Subtilmente, ao longo da caminhada, tanto o filme como o monólogo se acalmam e se concentram em assuntos espiritualmente muito mais importantes do que a melhor palavra para descrever o rabo. Embora o foco esteja no homem, Giæver e o diretor de fotografia Øystein Mamen mantêm-se atentos ao terreno com o qual ele muito obviamente veio comungar.

Um breve desvio a meio da história envolvendo outra pessoa prova que o filme sabe aquilo que é fácil a um pensador absorto esquecer: estes diálogos silenciosos acontecem a toda a nossa volta, e por muito pessoal que seja não há nenhum sentimento que nos passe pela cabeça que seja exclusivamente nosso.

O filme acaba por testar algumas das fantasias escapistas de Martin e interrompe a sua solidão numa cabana rústica. O encontro, à imagem de algumas das suas fantasias culpadas, está cheio de entusiasmo discreto, e é fotografado e montado com uma intimidade delicada. Mas Martin será provavelmente amanhã o mesmo homem que é hoje.


É difícil não admirar visualmente nem respeitar este filme devido ao seu sentido de humor e às suas belíssimas imagens. Mais importante: parece ser brutalmente honesto e íntimo sobre as preocupações e inseguranças masculinas. - **Indiewire**

Uma comédia dramática com a natureza norueguesa como espantoso pano de fundo, DA NATUREZA é um mergulho envolvente no sub-consciente de um homem que tenta resolver os problemas – muitos deles de natureza sexual – que o perturbam. - **Screen Daily**

É muito difícil que algo tão conceptualmente minimalista como DA NATUREZA resulte, o que torna este one-man-show do argumentista, realizador e ator Ole Giæver tanto mais refrescante no seu resultado modesto mas genuíno. Um filme praticamente sem trama, sobre um homem insatisfeito que passa um fim-de-semana sozinho na floresta, DA NATUREZA é comandado por uma voz-off constante, e poderia facilmente cair na pretensão ou na indulgência se não fosse o toque de comédia atento e gentil que Giæver (e a sua colaboradora de longa data Marte Vold, creditada como co-realizadora) trazem ao filme. - **Variety**

Noruega | 2014 | 77 minutos

Mais informações em www.alambique.pt

Distribuído por  alambique

